



O PRIMADO DA CLÍNICA

Para os que têm vocação clínica e exercem a actividade assistencial, a marcha diagnóstica incluindo a discussão, diagnóstico diferencial e estabelecimento do diagnóstico clínico constitui a maior parte das vezes o momento mais excitante e talvez o mais gratificante da sua vida profissional.

Tudo começa com o estabelecimento de uma boa relação médico-doente, base necessária para, em clima de franca empatia, se colherem todos os dados anamnésicos indispensáveis para a História Clínica, a que se juntarão de seguida os achados duma Observação cuidadosa, completa e rotinada. E se casos há em que uma boa Anamnese permite logo um Diagnóstico, servindo então a Observação para o confirmar, noutros é apenas esta que sugere a doença que até então era insuspeitada ou por ser assintomática ou porque a colaboração do doente era deficiente. Em qualquer dos casos, uma perfeita e apurada Semiologia é sempre factor determinante duma boa História Clínica e de um correcto Diagnóstico. A afirmação é certamente uma verdade muito antiga, mas penso que retomou importância nos últimos anos, a ponto de valer a pena recordá-la, face ao espectacular desenvolvimento e aperfeiçoamento dos meios complementares de diagnóstico. É que podemos interrogar-nos se a ecocardiografia não dispensará a auscultação cardíaca, a ecografia abdominal não permitirá uma observação menos cuidada do abdómen ou a tomografia axial computadorizada crânio-encefálica não substituirá boa parte do exame neurológico. Não se obterão com aqueles exames complementares mais e melhores dados do que os que a Semiologia Clínica nos pode dar?

Sou tentado a recordar, neste momento, a minha formação médica escolar e pós-graduada pautada por uma enorme exigência nesta área imposta pelos meus mestres, clínicos por excelência, que cultivavam entre muitos outros saberes esse que consideravam tão importante, o de retirar e obter dos doentes e à sua cabeceira tudo o que fosse possível e fosse útil para chegar ao diagnóstico clínico. Era realmente assim que Ducla Soares, Cid dos Santos e Carlos George faziam e era assim que ensinavam. Penso que era assim que deveríamos continuar a fazer e era assim que deveríamos continuar a ensinar. Só com uma clínica assim cuidada se conseguem pedidos criteriosos dos exames complementares e se chega mais cedo aos diagnósticos.

Ao dispensar exames complementares desnecessários para uns, obtêmo-los mais facilmente para outros que deles necessitem. Ao conseguir mais cedo o esclarecimento duma situação clínica reduzimos o tempo de internamento e o número de consultas; poderá haver mais leitos disponíveis nas enfermarias e menos listas de espera no ambulatório. De tudo isto resultará uma economia de meios e uma redução de custos que certamente não será pequena face ao número de doentes que ao longo dos anos vamos assistindo, nem pouco importante se contabilizarmos o prejuízo, em qualidade de vida, que resulta para o doente ao ser submetido a exames desnecessários ou a internamentos prolongados.

Repare-se bem, no entanto, que não se trata de sub-utilizar ou despromover os espantosos meios técnicos de que hoje dispomos para estudar doentes e doenças; muito pelo contrário, deitando-lhes mão na altura devida e evitando banalizá-los, tiramos deles todas as potencialidades diagnósticas que possuem e valorizamo-los. Mas, entretanto, primeiro foi a clínica. E não é só uma questão de oportunidade é sobretudo uma questão de formação. Não é só uma questão de metodologia é muito mais uma questão de mentalidade. É no fundo, em vez de esperar que os diagnósticos venham ter connosco, tudo fazer para os conseguir; mesmo sendo apenas clínicos, quase sempre de presunção e às vezes para corrigir. É saber tirar toda a satisfação da confirmação pelos exames complementares de um diagnóstico clinicamente bem elaborado e todo o ensinamento da correcção de um outro, igualmente bem elaborado, mas infirmado por aqueles meios. É a satisfação e são os ensinamentos que estão reservados para os que entendem, praticam e cultivam com convicção o Primado da Clínica. É afinal a Medicina exercida da forma mais gratificante.

F. LACERDA NOBRE